

A POSIÇÃO DE SUJEITO "PADRE ABUSADOR" COMO OBJETO DE DISCURSO JORNALÍSTICO**THE SUBJECT POSITION OF "ABUSIVE PRIEST" AS AN OBJECT OF JOURNALISTIC DISCOURSE**Pedro Navarro¹Izabelle Diniz²

RESUMO: O abuso sexual contra crianças e adolescentes envolvendo sacerdotes católicos é noticiado pelo jornalismo com certa frequência, e essa prática dá a conhecer seu funcionamento nos jogos de poder-saber que discursivizam os episódios de violência. Partindo do referencial teórico e metodológico dos Estudos discursivos foucaultianos, particularmente os termos conceituais sujeito, poder, enunciado e dispositivo, neste artigo analisamos como se manifesta, discursivamente, a posição de sujeito “padre abusador” em práticas discursivas noticiosas que objetivam esse indivíduo. Para tanto, o recorte analítico selecionado é composto por matérias publicadas pela Revista Veja, com base nas quais foi realizada uma descrição arqueogenealógica que nos possibilitou compreender a regularidade existente a respeito da violência clerical e da busca por justiça, em torno da figura do "padre abusador", em especial a retomada do campo associativo religioso (o contexto bíblico), como forma de o discurso jornalístico produzir um efeito que desestabiliza o discurso da igreja católica, mostrando que o mal não está fora, mas dentro da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault. Padre Abusador. Poder.

ABSTRACT: The sexual abuse of children and adolescents involving Catholic priests is often reported by the media, and this practice reveals its functioning in the power-knowledge games that discourse episodes of violence. Drawing on the theoretical and methodological framework of Foucauldian Discourse Studies, particularly the conceptual terms subject, power, enunciation, and dispositif, this article analyzes how the subject position "abusive priest" is discursively manifested in news discourse that objectifies this individual. To this end, the analytical excerpt selected consists of articles published by Revista Veja, based on which an archeogenealogical description was conducted that allowed us to understand the regularity regarding clerical violence and the search for justice, around the figure of the "abusive priest", especially the return of the associative religious field (the biblical context), as a way for journalistic discourse to produce an ironic effect on the Catholic Church, showing that evil is not outside, but inside the institution.

KEYWORDS: Abusive Priest. Abusive Priest. Power.

1 Introdução

Apesar de a Igreja Católica ter muitos fiéis ao redor do mundo e exercer forte papel sociocultural, ela já enfrentou crises envolvendo abusos sexuais, supostamente cometidos por membros do clero. Os casos vêm ganhando cada vez mais notoriedade no noticiário mundial. Nesse âmbito, o jornalismo funciona no interior das estruturas de poder-saber que discursivizam os diversos episódios de abuso, dado o fato de materializar o lugar de fala das

¹ Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Adjunto - Nível B da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: navarro.pl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3267-4985>

² Graduada em Comunicação e Mídias (UEM - 2020). Mestranda em estudo e do discurso do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: bellediniz11@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1516-2028>.

vítimas e a defesa dos abusadores. Considerando que tais eventos abusivos são noticiados por uma mídia comunicacional de grande credibilidade, que expõe casos que aconteceram na atualidade ou que se passaram há anos e não obtiveram o devido cuidado pela justiça, as denúncias de casos de abusos sexuais ocorridos na instituição acabam adquirindo certa relevância na esfera midiática dos discursos. Nesse sentido, é válido demarcar os modos pelos quais os enunciados desse campo constroem as posições de sujeito envolvidas nos eventos noticiosos.

A descrição enunciativa realizada intenta, pois, analisar como se manifesta, discursivamente, a posição de sujeito “padre abusador” no discurso midiático, tal como produzida em práticas discursivas noticiosas que objetivam esse indivíduo. Respaldados teórica e metodologicamente pelos Estudos discursivos foucaultianos, no artigo, cujo foco está direcionado para a análise enunciativa (FOUCAULT, 2008), problematizamos a objetivação do “padre abusador” que vai contra a figura de santíssima (castidade) dos membros do clero, subjetivada que está em função do discurso da igreja católica, bem como o *status* de um jornalismo que lança luz sobre o lugar das vítimas, enquanto traz à luz as contradições da instituição religiosa.

A série enunciativa foi composta por três matérias publicadas pela Revista Veja, resultantes de um trabalho investigativo do veículo, que partiu do seguinte histórico: no início de 2019, após denúncias contra um padre envolvido em casos de abuso sexual, a diocese do pároco, supostamente, acobertou os crimes após as vítimas procurarem as autoridades. Esse contexto possibilitou a produção das matérias jornalísticas, que contêm também depoimentos de ex-líderes religiosos, das vítimas e imagens de mensagens de WhatsApp de conversas de um sacerdote acusado de violência sexual. Ao delimitar a superfície de emergência dos enunciados publicados, é possível notar a existência de um dispositivo de vontade de verdade operando, uma vez que as provas contidas nos relatos das vítimas não se constituem em provas jurídicas, mas sim em provas midiáticas. Tal jogo é transpassado por aspectos políticos e econômicos, formando a objetivação desse sacerdote e as relações de verdade que permeiam esse discurso. Dessa forma, os mecanismos de enunciação da vontade verdade se constituem nos jogos de poder-saber, mediante os quais a Revista Veja valida suas matérias.

Ainda, como critério de seleção foram selecionados os seguintes aspectos: a partir dos seguintes critérios: espaço geopolítico em que o veículo está inserido e sua legitimação como produtor de verdades. Em relação ao primeiro critério, levamos em conta o fato de a revista estar inserida em um país de maioria católica³ e, por conta disso, revisita a temática da sexualidade (FOUCAULT, 1996), em relação aos casos de abuso que aconteceram no Brasil. Essa temática, uma vez tornada pauta jornalística, ganha feição de um campo bastante minado, no qual a teia discursiva se entrelaça, de modo a visibilizar o funcionamento do poder que se exerce no tecido social. O segundo critério considerou a exauribilidade do tema aliada à credibilidade conferida a Veja. A partir disso, foram analisadas as seguintes reportagens: *Jovens abusados por padres revelam seus dramas pela primeira vez*, de 12 de julho de 2019; *Caso de pedofilia em igreja de São Paulo chega ao Vaticano*, de 30 de agosto de 2019; e *Os traumas e a luta por justiça de uma vítima de abuso de um padre*, de 30 de outubro de 2019.

Essa análise se justifica, uma vez que o discurso de violência sexual contra crianças e adolescentes envolvendo sacerdotes é interdito e cerceado nas diferentes esferas discursivas, principalmente na instituição católica, que trata os casos dentro de seus muros. Assim, emerge

³ Segundo o último censo do IBGE realizado em 2010, cerca de 65% da população brasileira se considerava pertencente a religião católica apostólica romana. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pe_ntecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em 25 ago. 2020.

das reportagens uma estratégia de poder-saber que atribui à instituição católica a culpa pelos atos de violência sexual, sem que se identifique um ator (clérigo) específico como o responsável pelo crime de abuso cometido e reportado. Isto porque, em muitos casos, a instituição, ao tomar conhecimento de que a violência ocorreu, tenta resolver o caso internamente, em uma tentativa clara de silenciamento para evitar, como isso, os tribunais de justiça.

2 Um olhar arqueogenealógico sobre a posição de sujeito no enunciado

Foucault (2008) conceitua discurso como prática social e historicamente determinada, que constitui sujeitos e objetos. Como tal, acrescentamos as regras de formação dos sujeitos que falam e dos objetos que são perfilados, dado o fato de sinalizarem para o peso dessa prática em termos de luta e de relações de força, pois, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas dos sistemas de dominação, mas sim aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (FOUCAULT, 1996, p. 10). Donde a necessidade de compreendermos que o funcionamento do poder é permeado por relações de poder-saber que se manifestam nos discursos.

Nessa direção, uma abordagem foucaultiana implica o abandono das verdades preestabelecidas e da crença na origem das coisas a dizer (NAVARRO, 2006). Assim, as práticas discursivas devem ser analisadas a partir de uma relação entre saber/discurso/história. Ao abordar o discurso, o analista refere a enunciados que desempenham algum tipo de regulamento na sociedade e são postos em circulação pela vontade de verdade vigente em cada época.

Nesse contexto, podemos demarcar a mídia como uma superfície de emergência para práticas discursivas que produzem, replicam e fazem circular certas vontades de verdade na sociedade. Logo, quaisquer enunciados analisados remetem a outros temas ligados a ele, tais como ética, moralidade, justiça e tradição. Vale ressaltar que, devido à amplitude do arquivo (POSSENTI, 2006), este é impossível de ser descrito, por abarcar todos os enunciados ditos e não ditos no campo discursivo (FOUCAULT, 2008).

Em vista da relação de defasagem entre as coisas ditas e o arquivo que rege o sistema de enunciabilidade delas, este artigo realiza recortes enunciativos, considerando um dos maiores veículos midiáticos de abrangência nacional: a Revista Veja. A partir de uma certa regularidade discursiva em notícias/entrevistas sobre a temática do abuso sexual contra crianças e adolescentes envolvendo integrantes da igreja católica, se produz e faz circular práticas discursivas midiáticas a respeito da posição de sujeito "padre abusador". É sobre a descrição do funcionamento dessa posição de sujeito em sequências enunciativas da referida revista que nos debruçamos na análise a ser apresentada.

Na perspectiva arqueológica, Foucault (2008) considera que o enunciado se forma por meio de um conjunto de regras históricas determinadas no tempo e no espaço que instituem as práticas discursivas. São elas que determinam as condições de funcionamento da função enunciativa, a qual estabelece a existência de correlações entre os enunciados. Para se observar o comportamento de uma função enunciativa no discurso sob investigação, Foucault (2008) apresenta quatro elementos que a indicam a direção da análise: posição de sujeito, domínio associado, materialidade e referencial.

No projeto arqueológico, a posição de sujeito é vista como uma categoria móvel e fluida, que se caracteriza pelo lugar e posição que se ocupa em relação ao discurso. Em síntese, ela remete "à função unificante de um sujeito, manifestando sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso,

na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 2008, p.61). Respalhada por essa definição, Gaspar (2006), por fim, afirma que a posição de sujeito está demarcada pelo lugar institucional que esse sujeito enuncia ou é enunciado e seu posicionamento é oriundo de um domínio específico do sujeito. Os enunciados respondem também a um campo adjacente, ao qual Foucault (2008) denomina campo associado. Condição para existir a função enunciativa, o campo associado refere-se a um contexto geral, em que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2008, p. 81).

Por sua vez, a materialidade do enunciado não está ligada apenas ao aspecto físico (forma), mas às instituições materiais a que estão vinculados, pois ele “é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se, apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer” (FOUCAULT, 2008, p. 83). Dessa forma, a materialidade é constitutiva do próprio enunciado que se manifesta por meio da língua. Já o referencial do enunciado “define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade” (FOUCAULT, 2008, p. 111). É o conjunto do referencial, da posição sujeito, do campo associado e da materialidade que permite analisar se há o exercício da função enunciativa e, portanto, como se formam os enunciados efetivamente ditos e escritos pelos homens, em suas práticas discursivas.

Dito isso, mobilizar os elementos da função enunciativa no *corpus* sob análise é uma possibilidade de descrevermos a importância dessa ferramenta conceitual e metodológica no trabalho de dar visibilidade às práticas que objetivam e subjetivam o sujeito "padre abusador", possibilitando, assim, o entendimento dos mecanismos de objetivação que se depreendem desse quadro enunciativo.

Para abordarmos a emergência da classificação de “padre abusador” como objeto de discurso nas reportagens listadas, é necessário descrever as instituições e as instâncias de delimitação desse objeto (FOUCAULT, 2008), haja vista que elas legitimam discursos e lhes impõem formas ritualizadas, transformando-os em verdades aprovadas por um jogo de desejo e de poder, sobre esse aspecto, para o filósofo francês:

Em toda sociedade a produção do discurso é a ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Dessa maneira, existem procedimentos de controle e de delimitação do discurso, também conhecidos como mecanismos de poder, que as instituições usam, a fim de legitimar sua vontade de verdade, ocorrendo, nesse sentido, uma espécie de interdição. Nesse contexto, a instituição jornalística, por meio de procedimentos linguísticos, constrói uma vontade de verdade, da qual ela passa a ser detentora. Ocorre, assim, a nosso ver, uma inversão de papéis, pois, historicamente, é a instituição Católica que atribui autenticidade ou não aos casos de abuso sexual, supostamente, envolvendo seus sacerdotes. Esse lugar que a igreja ocupa legitima suas técnicas de produção e de verificação das verdades sobre as coisas no mundo, como sabemos. Consideramos as sequências enunciativas (SE) a seguir:

(SE1) O relato do ex-coroinha faz parte de um dos maiores **escândalos da história recente da Igreja Católica** brasileira [grifos nossos].

(SE2) **Nesta reportagem de VEJA**, pela primeira vez, elas revelam seus dramas [grifos nossos].

(SE3) A **arguição dos clérigos** deixou em três testemunhas ouvidas por VEJA a **impressão de que eles queriam desacreditar de Eli** [grifos nossos].

(SE4) O segundo passo da defesa foi informar a Tutela dos Menores, comissão criada no papado de Francisco como parte de um conjunto de iniciativas para combater abusos que grassavam **na Igreja Católica durante séculos de vista grossa** [grifos nossos].

Com base na análise das SE 1 a 4, podemos demarcar duas instituições atravessando os discursos sobre a figura do “padre abusador”: a mídia, constituída pela Revista Veja, tomando parte em uma prática discursiva permeada por historicidade, formulação de sujeitos e materialidade linguística, que veicula não a realidade em si, mas uma construção simbólica que permite uma relação ao real, ao mesmo tempo em que tem o objetivo da venda de seus exemplares para se manter. Por outro lado, a instituição Igreja Católica se faz presente no *corpus* analisado, sendo uma peça-chave para compreender a objetivação dos sujeitos, a partir do ponto em que os valores pregados pela tradição, tais como: honestidade, justiça, amor ao próximo e cuidado com seus fiéis se mostram de modo contrário tanto pela instituição como pelos membros do clero⁴; igualmente presente na acusação enunciada na SE4, de "fazer vista grossa" para padres que cometem crimes no exercício da função.

Além disso, ao lançar o olhar sobre os enunciados midiáticos, para descrever as relações de poder que estão em funcionamento no discurso midiático do *corpus*, exploramos o conceito de dispositivo, a saber: um conjunto heterogêneo de enunciados que engloba o dito e o não dito, o qual é caracterizado como “a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2018, p. 364). Trata-se de uma formação que em um certo momento teve como objetivo responder a uma urgência, desse modo, ele tem a função estratégica que visa o resultado.

Nas SEs ocorre o predomínio do dispositivo midiático sobre o religioso. Em sua teia discursiva, engloba as práticas jornalísticas, os critérios de credibilidade, a ideia de mediação entre o público e o privado, a apuração dos fatos e a materialidade da linguagem constituída por um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual constituem saberes de um momento histórico. Isso corrobora a ideia de que “a mídia é uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividades, evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente” (GREGOLIN, 2007, p. 24). Assim, destacamos o papel profundo e influente da mídia na formação da percepção pública e na construção da narrativa histórica contemporânea, não sendo apenas um espectador passivo, mas um agente ativo na criação da história e da subjetividade.

Devemos reconhecer que a Revista Veja está inserida em uma lógica mercadológica que responde a interesses próprios, como, por exemplo, vender mais exemplares ao veicular as matérias de abuso sexual contra crianças e adolescentes envolvendo os sacerdotes, entretanto o dispositivo midiático também reverbera em outras direções: os enunciados jornalísticos são produzidos sobre o eixo do poder e do saber, tornando-se fontes inesgotáveis de produção de subjetividades que fabrica indivíduos e os possibilita outras maneiras de serem vistos. Dessa forma, ao discursivizar as matérias sobre abuso sexual envolvendo sacerdotes, o veículo

⁴ O Código Canônico regular os preceitos morais e legais que os padres devem ter durante a formação para sacerdote, bem como após receber a ordenação para ocupar o lugar de padre. Para ter acesso de forma mais detalhada a regras canônicas para obtenção da ordem acesse: https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p2s2cap3_1533-1666_po.html#ARTIGO_6.

mediático dá visibilidade às vítimas de abuso, expondo uma rede de casos que ocorrem no mundo e se perpetua há gerações. Pelo fato de que novas denúncias seguiram a grande matéria de capa da *Veja*, é possível existir uma disputa em torno da enunciação verdadeira entre a Igreja Católica e o veículo. Não somente essa religião é detentora do segredo da confissão, instrumento de produção de vontades de verdade, mas a mídia também se apresenta como instituição enunciativa de verdades, e isso se deve a credibilidade social, não somente porque possui assinantes no Brasil⁵, mas pelo modo como agencia efeitos do real. Assim, nesse cenário ela funciona como espaço de denúncia e de exposição do lugar das vítimas, como enunciado nas seguintes SEs:

(SE5) **O pecado** abjeto foi premeditado em detalhes [grifos nossos].

(SE6) Passado um tempo, o homem se retirou para tomar banho e a jovem visita ficou vendo TV na sala. Na sequência, **começou o inferno** [grifos nossos].

(SE7) Do **ponto de vista teológico**, a **pedofilia** é um **delito no qual se transgrede o sexto mandamento**, de "não pecar contra a castidade". **Do ponto de vista da humanidade**, trata-se de uma **monstruosidade** [grifos nossos]

(SE8) É o verdadeiro **milagre da multiplicação imobiliária** [grifos nossos].

A descrição enunciativa dessa série nos permite observar a posição de sujeito jornalista, que se discursiviza na narratividade do crime cometido, uma vez que foi “premeditado em detalhes” e a retomada irônica que faz, quando acrescenta ao crime casos de corrupção na igreja, como é demonstrado nas SE5 e SE8, respectivamente. As sequências enunciativas evidenciam dois posicionamentos sustentados pelo dispositivo midiático em relação à Igreja Católica: o de uma instituição que faz vistas grossas às práticas inescrupulosas, por elas serem cometidas pelos seus membros; o que fere a dignidade e os direitos humanos das vítimas em prol de não manchar sua reputação. O recorte posiciona a revista *Veja* como detentora de uma verdade, principalmente, quando o sujeito jornalista usa o verbo revelar, no sentido de tornar conhecido algo que era ignorado ou secreto.

3 A formação do objeto e a mobilidade do sujeito padre abusador

Partindo da noção foucaultiana de que o poder não é apenas algo que diz não, mas produz sujeitos, práticas, saberes, (FOUCAULT, 2018), abordamos a produção da posição de sujeito “padre abusador”, mobilizando o conceito de poder simbólico (BOURDIEU, 1989). (Re)operacionalizando-o pelo viés discursivo, para caracterizar e delimitar o *corpus* de análise, descrevemos os enunciados destacados do *corpus*, atentando-nos para a constituição da função enunciativa, com objetivo de escavar os saberes instituídos e postos em circulação pela mídia, por meio de sua prática discursiva que, conforme discutido, objetifica e subjetiva o sujeito “padre abusador”. O indivíduo inserido no mundo está permeado por formas simbólicas, como a linguagem, a qual o constitui como sujeito, pois são instrumentos de conhecimento e

⁵ Possui uma circulação líquida de 557.314 de tiragens e cerca de 517.807 assinantes, Dados disponíveis em: <http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao?platform=revista-imprensa-mais-digital>. Acesso em: 01 set. 2020.

comunicação (BOURDIEU, 1989). Respaldados na perspectiva teórico-metodológica explanada, podemos considerar que o enunciado permite que conjuntos de signos, neste caso as formas simbólicas, possam existir, e isso torna um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, ou faz com que uma proposição possa receber ou não um valor de verdade, como observa Foucault, em relação ao trabalho de definir o enunciado (FOUCAULT, 2008).

Os sistemas simbólicos formados são mecanismos estruturados e estruturantes de conhecimento que objetivam legitimar e impor determinados processos simbólicos, por meio de relações de saber-poder. Assim como Michel Foucault, Pierre Bourdieu (1989) parte da concepção de que as relações sociais são relações de forças. O sociólogo afirma que as interações são marcadas pelo que denomina de poder simbólico:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer ignorado como arbitrário. (BOURDIEU 1989, p.14).

O poder simbólico se exerce de maneira invisível, de tal modo que o sujeito não o percebe; age por meio de forças que não agredem o corpo, mas são manifestações de ordem moral, emocional e psicológica. Partindo desse ponto, a produção de saberes, entendida como sistemas simbólicos, exerce sua eficácia por meio da validação de um grupo ou de instituição que tenha capital simbólico acumulado pelos agentes que delas fazem parte. Ao realizarmos um movimento de descrição dos elementos da função enunciativa que se exercem nas sequências extraídas do *corpus*, notamos que esses sistemas simbólicos são formados por instituições que possuem princípios socialmente reconhecidos, que determinam o lugar e a função de cada indivíduo, e isso vale tanto para a instituição católica quanto midiática, guardadas as devidas diferenças.

Assim, para analisar a ordem discursiva dessas instituições, é preciso “determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles” (FOUCAULT, 1996, p. 36 -37). No *corpus* de análise, por meio da descrição enunciativa empreendida, as SEs dão visibilidade ao exercício de práticas discursivas que são requeridas do sujeito padre, dada sua condição de sacerdote. Em outras palavras, a instituição possui uma série de regras para qualificar os padres que falam em nome dela, aproximando-se daquilo caracterizado como um ritual:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção||. (FOUCAULT, 1996, p. 39)

No caso do corpo sacerdotal da Igreja, os padres, por meio de uma série de rituais (voto da caridade, prática do celibato, vida baseada na fé e oração) são qualificados a levar a palavra de Deus e a cuidar de seu rebanho, os leigos. Dessa forma, esses sujeitos assumem um *status*

(FOUCAULT, 2008) que não coloca em dúvida sua índole e, muito menos, provoca desconfiança de suas ações. Nos enunciados analisados, entretanto, o relato dos fatos desmascara o pressuposto dos rituais de santificação e de purificação, ao mesmo tempo, em que dá detalhes sórdidos de como os clérigos faziam para cometer os crimes de abuso sexual. Eis algumas sequências enunciativas retiradas do corpus discursivo.

(SE9) Embora soubesse que não haveria mais ninguém na residência, **o menino jamais desconfiaria** que estava prestes a cair em uma arapuca [grifos nossos].

(SE10) A cartilha do padre Leandro **também incluía terror psicológico**, com a diferença de que os abusos começaram em excursões de Kombi para rezas na zona rural ou dentro da sacristia [grifos nossos].

(SE11) Tempos depois, o padre **adotou a tecnologia para assediar fiéis**. Uma troca de mensagens por WhatsApp mostra Leandro falando sobre nudes com um rapaz. [grifos nossos].

(SE12) Revela que o **padre mantinha no armário um revólver de calibre 38, que gostava de exhibir como garantia de que seria satisfeito em seus desejos**. Repetia a frase: —Na minha terra, a gente resolve tudo na bala|| e arrematava: —Não pise no meu calo [grifos nossos].

(SE13) Até pouco tempo atrás, o clérigo era conhecido apenas como um líder carismático que cuidava de **seu rebanho** na periferia de Araras [grifos nossos].

Assim, à figura clerical, sustentada pelos rituais que conferem poder e lugar de fala ao sacerdote, contrapõem-se mecanismos explícitos de violência, pelo uso da dissimulação e da imagem de pastor (SE9 e SE13), do terror psicológico (SE10), do assédio via redes sociais (SE11) e do uso de armas de fogo para amedrontar as vítimas (SE12). Ao analisarmos as SE9 a SE13, percebemos que a objetivação de “padre abusador”, produzida como objeto no discurso midiático, não condiz com a posição de sujeito “padre” do campo associativo católico. Contudo, como podemos perceber nas sequências enunciativas, especialmente a 13, os padres usam dos atributos do poder simbólico que lhes são conferidos pelo campo da religião para mais facilmente infligir violência clerical às vítimas. Trata-se de uma violação física e verbal exercida pelo clero, que tem como base a produção e a manutenção de um discurso patriarcal que justificaria a confiança das vítimas, mas que, no caso dos crimes denunciados pelo discurso midiático, culmina em abuso de poder e quebra de confiança. Das SEs analisadas emerge uma posição de sujeito jornalista que reconstrói, na forma de relato jornalístico, as cenas de abuso sexual, supostamente, vivenciadas pelas vítimas, traçando, com isso, um perfil para esse “padre abusador”. Esse processo de objetivação encontra ancoragem discursiva na prática jornalística, pois nela se reserva a esse sujeito a referida posição no discurso.

Na SE5, é informado que as vítimas tinham confiança nesse sacerdote; já nas SE9 e SE13, a transgressão eclesial é apresentada como uma atitude contínua, dando destaque ao fato de que o sujeito abusador tentava sexualizar suas ações com as vítimas. A prática jornalística volta seu foco de atenção, também, para outra ação do abusador: não existência somente violência sexual, mas também verbal, psicológica e física, tal como enunciado em SE8, na qual se dá a conhecer que o padre fazia posse de uma arma para ameaçar e fazer valer seu poder. Por último, a prática jornalística relata que o padre abusador fazia uso da força do discurso do poder pastoral para esconder suas ações criminosas. A partir das práticas discursivas

apresentadas nas SE(s), é possível notar que é usada a técnica do cuidado para governar essas vítimas do pastorado cristão. A imagem do pastor agrega uma forma de exercício do poder que age propondo algo e não impondo. Nessa esteira, o bom pastor é aquele que deseja o melhor para o rebanho, guiando-o pelo bom caminho. O pastorado desenvolveu-se como um governo da conduta dos outros, visando um fim: a salvação (RUIZ, 2016). Entretanto, essa dedicação assume uma via dupla: ela pode emancipar ou alienar o outro. Com isso, a construção de uma posição de sujeito de pastor de rebanho, aquele que cuida das ovelhas, era utilizada para legitimar seu *status* de ungido pelo poder divino, celibatário, e, desse modo, passar confiança para os leigos, abrindo, assim, caminho para que ele continuasse a exercer violência contra as vítimas, inclusive, fazendo novas, sem que ninguém desconfiasse.

Ainda sobre a descrição enunciativa dessa prática discursiva jornalística no *corpus* em questão, chamamos, novamente, a atenção para dois campos associados que se cruzam: o da mídia e o da religião. A nosso ver, as condições de possibilidade que produzem a posição de sujeito nos enunciados são entrelaçadas por saberes e jogos de poder desses dois campos. Conforme abordado, o lugar que o sujeito ocupa advém de diversas práticas discursivas e institucionais estabelecidas e de uma posição própria do sujeito que enuncia, sendo que ele não é responsável individualmente pelo que fala, pois suas ações estão atreladas a um lugar. A conduta desse sujeito deveria ser condizente com a instituição a qual pertence, atrelada ao capital simbólico acumulado (BOURDIEU, 1989). Ao descrever os enunciados das práticas discursivas midiáticas, o sujeito jornalista delinea a posição de sujeito "padre abusador", a qual não se coaduna com a figura santíssima:

(SE14) O padre, então com 32 anos, **revelou suas verdadeiras intenções** ao aparecer na sala vestido apenas com uma cueca samba-canção. [grifos nossos].

(SE15) Padre Leandro tem atualmente 50 anos. **As barbaridades que cometeu nas sombras durante décadas só começaram a ficar conhecidas nos últimos meses.** [grifos nossos].

(SE16) **Sua verdadeira face foi revelada em dezembro de 2018.** [grifos nossos].

(SE17) Igreja avançou contra essas **monstruosidades praticadas por homens que deveriam ser líderes** espirituais e se aproveitaram dessa condição para molestar crianças [grifos nossos].

(SE18) **Predador** e presa estavam em cima do altar, juntos. [grifos nossos].

(SE19) Fora as advertências do padre para o garoto não contar nada a ninguém sobre os abusos, a vítima e o **abusador** não falavam sobre o assunto. [grifos nossos].

Conforme pode ser percebido nas SE14 a SE19, Veja, em sua matéria, expõe uma posição de sujeito padre que diverge daquela preconizada pelos manuais e demais materialidades do discurso religioso católico. Na SE10, a informação de que o sacerdote aparece junto de uma vítima vestindo apenas roupa íntima permite que a publicação jornalística denuncie que as "verdadeiras intenções" do clérigo eram de cunho sexual. É importante então ressaltar que a pedofilia é um tema complexo e ainda não tipificado, especificamente no ordenamento jurídico brasileiro. No senso comum, o termo "pedófilo" é um adjetivo substantivo que nomeia e caracteriza um indivíduo adulto que se sente

sexualmente atraído por crianças e adolescentes de forma compulsiva e obsessiva. Contudo, o tema da pedofilia atravessa também domínios associados da área da psicologia, da psiquiatria e do direito.

A SE14 reserva um lugar na prática jornalística para o padre acusado de abusos sexuais: trata-se de alguém que usa o corpo como forma de atrair a vítima para a atividade sexual, já a SE15 tematiza que o padre abusador "apenas" deixou de cumprir seu papel de pastor. Os demais enunciados analisados e descritos mostram que a figura desse sacerdote assume uma posição monstruosa. Ao traçarmos um paralelo entre a construção textual dos enunciados, notamos a presença de outro campo associativo, marcado pela caracterização de uma criatura bestial. No tecido textual, essa monstruosidade tem ancoragem discursiva no uso que a prática discursiva faz do léxico: predador, monstruosidade e barbaridade. É um contraponto com o que prega a instituição eclesial, em um jogo linguístico que sinaliza para uma desobediência às sagradas escrituras, pois a ação abusiva cometida por esses padres contra vulneráveis coloca-os como infringindo a ordem religiosa e mostrando sua verdadeira face criminosa.

Ainda no que tange à prática discursiva jornalística, destacamos o uso de citações do texto bíblico para a construção desse sujeito como objeto de um discurso que silencia e é conivente com a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes. O sujeito jornalista recorre a passagens bíblicas, como a dos Salmos 91, que faz menção a uma peste perniciososa que anda na escuridão. Por fim, o trecho "sua verdadeira face foi revelada em dezembro de 2018", da SE16, tira do anonimato a figura de um "padre abusador", que se escondia no *status* de clérigo representante do poder divino para cometer os crimes descritos e relatados.

3 Considerações finais

Inicialmente, foram encontradas poucas pesquisas, em língua portuguesa, sobre a temática do discurso acerca de casos de abusos sexuais cometidos por sacerdotes. O que se pode constatar é que, no Brasil, o assunto não é muito abordado. Porém, mobilizamos alguns conceitos centrais para a investigação do tema sob o viés dos Estudos discursivos foucaultianos, tais como “poder”, “enunciado” e “saber”, analisando a produtividade deles na materialidade jornalística da revista *Veja*.

Vale ressaltar que o material coletado, na época, recaiu sobre casos que ainda estavam sendo investigados e, portanto, não havia trânsito em julgado", momento em que os acusados tiveram direito à ampla defesa e esgotaram todas as possibilidades de recurso. Devido a esse cenário, ao recortar os enunciados, podemos notar que a revista *Veja* em nenhum momento acusou os sujeitos agressores ou a instituição católica de alguma conduta necessariamente criminosa.

Contudo, a narrativa expressa na prática discursiva que o sujeito jornalista produziu se vale dos relatos das vítimas, dos fiéis das paróquias envolvidas e das advogadas das vítimas para se fazer menção a termos jurídicos. Entretanto, o dispositivo operou para ocorrerem posicionamentos: o de um veículo midiático que revela a verdade, o de uma Igreja omissa e injusta e de um dispositivo jurídico que não pune exemplarmente esses abusadores caracterizados como monstruosos pelo dispositivo midiático.

Por fim, o discurso (FOUCAULT, 1996) emerge a partir do objeto de desejo e do tipo de relação que este quer manter com o sujeito. A Igreja Católica exerce forte relação de poder e subordinação, obrigando o fiel a obedecer a uma série de condições para o seu funcionamento, dentre as quais, os discursos só possam ser ditos se seus sujeitos levarem em conta uma série de regras, assim como não permitir que todos tenham acesso aos saberes.

(FOUCAULT, 1996). Por outro lado, a prática discursiva jornalística impõe aos seus autores a tarefa de investigar e transformar fatos em notícia, assim nesse entremeio, do poder da igreja e do saber do jornalismo emerge a figura do sujeito "padre abusador". É necessário salientar que, durante as análises, outros casos começaram a aparecer na esfera discursiva midiática, bem como relatos de medidas tomadas pela Igreja Católica para tentar conter as ações de abuso sexual envolvendo seus sacerdotes. Exemplo disso é a abolição ao segredo pontifício para casos de abusos sexuais, instaurada pelo Papa Francisco⁶, e a instauração de conselhos de investigação para tais práticas em todas as paróquias. Dessa forma, outras conjecturas vão se formando em relação ao sujeito "vítima de abuso sexual", abrindo, assim, a possibilidade de novas pesquisas sobre a temática, pois, no Brasil, é escassa a quantidade de pesquisas que abordem esse tipo de violência, assim como são poucos os estudos mais aprofundados, particularmente, no que diz respeito ao âmbito dos Estudos discursivos foucaultiano.

Referências

- BATISTA JUNIOR, João; LOPES, Adriana Dias; GIROTTO, Edoardo. **Jovens abusados por padres revelam seus dramas pela primeira vez**. Revista Veja. São Paulo: 12 jul. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-abusados-por-padres-revelam-seus-dramas-pela-primeira-vez/>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- BATISTA JUNIOR, João. **Os traumas e a luta por justiça de uma vítima de abuso de um padre**. Revista Veja. São Paulo: 14 out. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/lucas-grudzien-luta-justica-padre-abusador/>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989. 460p.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). 1.ed. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, v. 2246, 2000. 300p.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 264p.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 15 ed. São Paulo-SP: Edições Loyola, 1996. 80p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo-SP: Paz e Terra, 2014. 176p.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. SP: Paz e Terra, 2018. 423p.
- GASPAR, Nádia Regina. **Língua, linguagem, texto e discurso**. In: NAVARRO, Pedro. Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 45-63.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. São Paulo. vol. 4n, p. 11-25, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em: 15. abr 2020.
- IBGE. **Atlas do Censo Demográfico 2010**. Governo Federal do Brasil Ministério da Economia Disponível em: censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/papa-francisco-extingue-segredo-pontificio-imposto-casos-de-abusos-sexuais-na-igreja-24142899>. Acesso em 20 ago. 2020.

203 Religi%C3%A3o Evang miss%C3%A3o Evang pentecostal Evang nao%20determinada Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

NAVARRO, Pedro. **O pesquisador da mídia: entre a aventura do discurso e os desafios do dispositivo de interpretação da AD**. In: NAVARRO, Pedro. Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 67-92.

RICO, Almeida. **Caso de pedofilia em igreja de São Paulo chega ao Vaticano**. Revista Veja. São Paulo: 30 ago. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/caso-de-pedofilia-em-igreja-de-sao-paulo-chega-ao-vaticano/#:~:text=A%20igreja%20era%20tocada%20por,v%C3%ADcio%20em%20álcool%20e%20drogas>. Acesso em: 9 set. 2019.

RUIZ, C. O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, v. 14, n. 241, 2016.

POSSENTI, Sírio. **Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso**. In:

SAGRADA, **Bíblia**. Tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1984. 1608p.

Recebido em: 04/06/23

Aceito em: 25/07/23